

Espaço do Sebrae na CasaCor reúne cerca de 45 artesãos e mostra como peças feitas à mão carregam afetos, memórias de família, referências culturais e a identidade do DF

Objetos que contam histórias

POR GIOVANNA KUNZ

Muito antes de chegar a uma estante, a uma mesa ou a uma bolsa, um objeto pode ter uma história. Pode nascer de uma lembrança da infância, de uma relação familiar, de uma paisagem observada todos os dias ou de uma técnica aprendida há décadas. Em um momento em que a produção em série facilita o acesso a praticamente qualquer produto, o feito à mão ganha outro significado. Mais do que decorar ou cumprir uma função, pode representar uma memória.

É a partir dessa perspectiva que o Espaço do Sebrae Feito à Mão, na CasaCor Brasília 2026, apresenta o trabalho de cerca de 45 artesãos do Distrito Federal. A proposta é aproximar o público das histórias que existem por trás das peças e mostrar que o artesanato também fala sobre identidade, pertencimento, afeto e formas de viver.

Em uma época marcada pela velocidade, personalização instantânea e produção em larga escala, o tempo necessário para fazer uma peça artesanal também passa a ser parte de seu valor. Cada objeto carrega escolhas, tentativas, técnicas e horas de trabalho que não aparecem necessariamente quando ele chega pronto ao consumidor.

Para Rose Rainha, diretora superintendente do Sebrae no DF, colocar o artesanato em contato com outros universos ajuda a mudar a maneira como esses produtos são percebidos. “A presença do artesanato brasileiro na CasaCor mostra a capacidade que esses pequenos negócios têm de dialogar com diferentes mercados e linguagens. Quando uma peça



Cleziana Paiva começou a trabalhar com esculturas de barro inspirada na mãe

artesanal ocupa um espaço pensado por arquitetos e designers, ela deixa de ser vista apenas como um produto e passa a integrar uma proposta de decoração, de design e de identidade”, destaca.

Para ela, essa aproximação também pode trazer oportunidades para quem produz no Distrito Federal. “Nosso papel é criar essas pontes e ampliar as possibilidades para que o talento e a criatividade de quem produz no DF possam chegar cada vez mais longe”, acrescenta.

Uma lembrança moldada em argila

Aos 12 anos, Cleziana Ribeiro de Lima Paiva, hoje com 47, começou a acompanhar a mãe trabalhando com barro, para ajudar na renda da família. A experiência acabou se transformando em uma relação duradoura com a argila e, posteriormente, em profissão.

“Foi ali que nasceu esse amor. Com o tempo, comecei a criar minhas próprias peças e percebi que as pessoas



João Moraes, artesão da Relicário Artesanato